

Manejo vegetal e histórias de vida: tempos entrelaçados nas margens do rio Xingu

Dannyel Sá¹

RESUMO: “A gente veio do Pará”, destacam os Yudja mais velhos que atualmente vivem ao norte do Território Indígena do Xingu. Antigos habitantes das ilhas do baixo e médio rio Xingu, os Yudja tiveram seu território invadido pelos *karai* a partir do século XVII. Após conflitos com seringueiros e outros povos indígenas, se dividiram em dois grupos. Um deles empreendeu uma longa migração subindo o curso do rio Xingu à remo até se estabelecer ao sul da Amazônia. Nas últimas três décadas, as monoculturas de capim, soja e milho que engendram mercadorias circuladas em escalas nacional e transcontinental dizimaram as florestas no Mato Grosso. Esse projeto de escalabilidade colocado em marcha pelo agronegócio global tem causado impactos como o aumento da temperatura regional, alteração no ciclo hidrológico e a incidência de incêndios florestais nunca antes registrados. Nesse contexto de afronta contínua aos seus mundos, apresentarei como o deslocamento articulado às atividades de coleta de espécies vegetais está meticulosamente implicado nas ações que produzem o mundo Yudja. Derrubar árvores de *kadika* para produção de cauim conecta o gradiente floresta-roça-aldeia-casa. Cortar ramos de *tĩĩ* e *kĩ’i* para fazer flautas mobiliza intensas negociações entre humanos e os espíritos. Assim, pretendo investigar como percorrer o território está atrelado aos modos de se conhecer uma floresta cercada de latifúndios e vista do rio. Em diálogo com a Ecologia, buscarei possíveis conexões parciais entre esses conhecimentos distintos.

Palavras-chave: práticas de manejo; conhecimentos ecológicos; relações humanos-vegetais; território; paisagens multiespécies

¹ Doutorando, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAS); dannyel.sa@gmail.com

PREÂMBULO

Neste trabalho estou lançando mão de um (falso/possível) cognato entre a Antropologia e a Ecologia para desenvolver uma análise que intenta explorar possíveis interfaces entre as Ciências Sociais e as Ciências Naturais. Me refiro à expressão “história de vida”, mobilizada tanto para o estudo de temas que interessam exclusivamente à “socialidade humana”, quanto para interpretações evolutivas das espécies como um todo. Com isso, acredito ser possível pensar sobre o “futuro” a partir da vida vegetal em diálogo com o povo Yudja.

As “histórias de vida” são amplamente difundidas em ambas as disciplinas. Na Antropologia (mais especificamente), segundo Suely Kofes (1994), sua utilização como metodologia tende a responder à distintas indagações, tais como: um documento cultural e a reconstrução de um processo sociocultural através de uma experiência particular. Discute-se, invariavelmente, o tema de interpretações individuais de experiências sociais. Em seu livro seminal “Ecologia da Natureza” Ricklefs (2003), anuncia que o estudo de “história da vida” busca entender como a evolução, a partir da seleção imposta pelos desafios ecológicos, molda os organismos para alcançar o sucesso reprodutivo. Uma “história de vida” representa a melhor solução para as demandas conflitantes sobre o organismo; elas equilibram as demandas entre a reprodução atual e as reproduções futuras, referindo-se aos aspectos biológicos da vida de uma espécie, desde o seu nascimento até a sua morte, descrevendo critérios como a maturação, reprodução, sobrevivência e morte. Discute-se o tema das respostas individuais e evolutivas às condições físicas e recursos que também podem influenciar nos eventos de sobrevivência e reprodução típicos de uma espécie. Dessa maneira, portanto, a “história de vida” dos indivíduos de uma espécie é delineada pela seleção natural.

Proponho, assim, um experimento que parte dessa premissa de equivocação controlada disciplinar para discutir como a atenção às atividades de manejo de espécies vegetais não-domesticadas (ditas, por contraste, “selvagens”) pode inflexionar noções relevantes para pensar ecologias que dialogam com os conhecimentos indígenas. Trago aqui excertos de narrativas pessoais de amigos do povo Yudja embaralhadas às descrições de práticas de manejo registradas durante um campo da pesquisa de doutorado realizado

entre as estações seca e chuvosa 2024. Na esteira do que Natasha Meyers (2016) sugere como uma “História Mais-Que-Natural” e uma Etnografia “Mais-Que-Humana”, pretendo demonstrar as interconexões humanos-vegetais que se emaranham em dimensões e escalas de tempo diversas, de modo que seja possível descrever a densidade dos arranjos existentes nas paisagens multiespécies das florestas do Xingu.

INTRODUÇÃO

Falantes de uma língua do tronco Tupi classificada na família linguística Juruna, canoieiros e produtores de cauim, os Yudja tiveram seu território invadido pelos *karai* (glosa em juruna para “não-indígenas”) a partir do século XVII com a fundação da cidade de Belém-PA (Lima, 2001). Após conflitos com seringueiros e outros povos indígenas, se dividiram em dois grupos. Um deles empreendeu uma longa diáspora subindo o curso do rio Xingu à remo até se estabelecer ao sul da Amazônia, numa região de transição com o Cerrado. Em censo de 2022, essa população Yudja, que vive atualmente no Mato Grosso, no Território Indígena do Xingu (TIX), é de 880 pessoas.

A área florestal tradicionalmente² ocupada pelos Yudja e reconhecida formalmente pelo Estado, limitada geograficamente à região norte TIX, está cercada de latifúndios cujo histórico de fundação remonta ao período de expansão e integração nacional característico do século XX. Desde a Marcha para o Oeste³ inaugurada durante o Estado Novo de Getúlio Vargas ao final da década de 1940, passando pela Ditadura Militar instaurada a partir de 1964, a distribuição arbitrária de vastas extensões de terra para a iniciativa privada marcou a colonização dessa região do país pelos não-indígenas - seja através de doações a empresas multinacionais como a Wolkswagen para a exploração agropecuária, seja no incentivo a companhias colonizadoras como a Sinop

² Conforme a proposição do Capítulo VIII da Constituição Federal de 1988.

³ A Marcha para o Oeste foi uma política do Estado Novo de Getúlio Vargas iniciada em 1938 para ocupar e desenvolver o interior do Brasil, principalmente o Centro-Oeste e o Norte, com foco em povoamento, desenvolvimento econômico e integração nacional. Para gerenciar as expedições de colonização, como a Expedição Roncador-Xingu, em 1943, foi criada a Fundação Brasil Central (FBC), que promoveu a construção de estradas, vilas, campos de pouso e a fundação de cidades planejadas - <https://exposicoesvirtuais.an.gov.br/index.php/galerias/10-exposicoes/314-a-marcha-para-o-oeste-a-conquista-do-brasil-central.html>

Terras/SA, que promoveram a migração de famílias de ascendências italianas e alemãs da região sul para o Mato Grosso.

Nesse ínterim, em 1950, dois anos após o contato com a Expedição Roncador-Xingu, na figura dos aclamados sertanistas paulistas Orlando e Cláudio Villas-Boas, a população Yudja no Mato Grosso era de 37 pessoas, conforme registro de Adélia Oliveira (*apud* Lima, 1995). Em 1984 eram 80 pessoas, saltando para 137 pessoas em 1992 (Lima, 1995). O resultado alarmante dessa situação é descrito por Tânia Stolze Lima em sua tese de doutorado:

O impacto da presença dos brancos na vida dos Juruna foi devastador. Seja através de uma política de extermínio direta ou indireta, ou de uma política missionária etnocida, seja através de uma política do contato, assistencial e alienante, a partir de 1949, que impôs o fim da guerra, precipitou o redimensionamento da esfera de atuação da chefia indígena, introduziu os fascinantes bens manufaturados, assistência médica, educacional e, por incrível que pareça, agrícola, a ação dos brancos decididamente provocou o desmoronamento de sistemas sócio-políticos tanto quanto de práticas religiosas (Lima, 1995).

Desde então, estima-se que metade das florestas já foi desmatada na bacia do Xingu no Mato Grosso, incluindo cerca de 200 mil hectares de Áreas de Proteção Permanente - terras situadas nas nascentes e margens dos rios, em tese protegidas por lei. A disponibilidade e a qualidade de água, portanto, estão comprometidas por conta do desmatamento.

Esse processo de destruição também evidencia como toda socialidade é mais que humana, inclusive a colonial, que se funda a partir da lógica da *plantation*. Nas últimas três décadas, as monoculturas de capins, soja e milho que engendram mercadorias circuladas em escalas nacional e transcontinental dizimaram as florestas no Mato Grosso, processo intensificado entre os anos 1990 e 2000 e concomitante ao avanço das lavouras de soja e milho sobre as pastagens de gramíneas nativas da África.

Pautado em um modo de ocupação análogo ao “habitar colonial” - descrito pelo pesquisador martinicano Malcom Ferdinand (2022) a partir de princípios e fundamentos como: subordinação geográfica, exploração das terras e da natureza, altericídio,

apropriação da terra, violência, desbravamento e massacre de ameríndios - o histórico colonial da trajetória não-indígena na região aponta para a continuidade dessa condição no presente.

Nesses latifúndios, fertilizantes e agrotóxicos são aplicados massivamente para cultivar extensas áreas de variedades homogêneas de espécies anuais de crescimento rápido. São lavouras a perder de vista no horizonte de plantas transgênicas que dependem de controle intensivo e mecanizado para forjar as características do solo ideais visando a produtividade do cultivar e a proteção à patógenos e parasitos. Semeados, cultivados e exportados conforme o pacote tecnológico de algumas poucas empresas multinacionais que controlam a cadeia produtiva em sua totalidade, especialmente os grãos de soja e milho estão no epicentro da história recente da colonização de parte do território das cabeceiras do rio Xingu por populações de origem europeia - no caso, brasileiros nascidos nos estados do Rio Grande do Sul⁴, Santa Catarina e Paraná que defendem com orgulho suas raízes sulistas e o caráter colono de suas trajetórias.

A escalabilidade⁵ de tal projeto colonial colocado em marcha pelo agronegócio global tem causado impactos como o aumento da temperatura regional, alteração no ciclo hidrológico, incêndios florestais nunca antes registrados, contaminação dos cursos d'água⁶ e altos índices de doenças relacionadas à exposição aos agrotóxicos. Regionalmente, por exemplo, a temperatura média do ar no entorno do TIX está de 4 a 6°C mais quente em função dessa transformação na paisagem (Silvério, 2015).

Essas têm sido algumas das consequências de reduzir vertiginosamente as relações interespecíficas com o intuito de promover a expansão ininterrupta das *commodities* agrícolas. Os efeitos nefastos do esforço para proliferar a produção de mercadoria sem alterar os elementos contidos no projeto (notadamente grãos e insumos), impedindo-os de transformarem-se entre si, não estão circunscritos a um espaço específico, atingindo inclusive (principalmente) as populações indígenas que vivem no TIX, onde o índice de desmatamento é ínfimo.

⁴ Vale destacar a profusão dos Centros de Tradição Gaúcha na região das cabeceiras do rio Xingu.

⁵ Conforme proposto por Anna Tsing em “Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno”.

⁶ Lembrando que todas as nascentes do rio Xingu estão situadas fora do território indígena demarcado legalmente. Ou seja, em última instância são essas águas que banham as aldeias xinguanas.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Tal processo de destruição empreendido pelos *karai* causa preocupação aos Yudja. É dado o vínculo estreito que possuem com Senã'ã, a quem designam como *Pai Criador* - responsável pelo surgimento da humanidade e de boa parte do que existe no mundo, que T. Juruna (um experiente *historiador*) afirma:

Clima tá mudando. A gente tá sabendo. Homem branco tá derrubando muito mata. Terra tá triste. Parou essa chuva. Nosso Criador tá pensando. Árvore tem espírito muito forte, tá mandando mensagem pro nosso criador.

Um dia vai acontecer mais. A gente tá sabendo. Tá acontecendo muito quentura do céu. Mudou. A língua também tá querendo mudar, a gente não tá deixando. Música também. Tá mudando junto com o tempo. Tudo quer mudar. A gente tá sabendo. Agora vem fogo. Tá queimando muito mata também. A gente tá sabendo. Vai acontecer outro. Quer acabar nós. Só pra acabar. É guerra. *Lakarika* não vai acabar a gente. Só mudança que é pra acabar a gente.

As árvores são imprescindíveis nessa constatação, pois são elas que enviam a mensagem da destruição para Senã'ã.

Árvore mandou mensagem pra lá. Vai mudar, vai acontecer. A gente tá sabendo. Aconteceu. Ficou assim. Quando Sol também vai entrar na terra, lua vai entrar na terra. Aí vocês pode tocar caramujo [*arura*], leva mensagem pra ele [Senã'ã] também. Quando a gente toca aqui, ele ouve. “Se vocês acabar tudo, o branco vai limpar vocês, lugar de vocês vai ficar vazio, eu vou soltar céu. Vai acabar vocês. Vai acabar todo mundo. Aí vou fazer outro”. Yudja sabe tudo. Quando branco fala nós vai acabar; não, a gente vai acabar não. Tem que mandar mensagem pra ele. A gente toca. Aí o tempo fica bom. A gente faz festa grande, aí ele escuta. A gente toca flauta grande e leva mensagem pra ele. Aí tempo fica bom pra nós. Aonde branco acabou tudo árvore, por isso tá acontecendo muito lá. Aqui não acontece porque tem um pouco de mata aqui. Por isso a gente não quer acabar mata. Essa mata aqui tá segurando tudo a gente. Quando a gente acabar tudo a árvore a gente vai acabar junto.

Nesse contexto de afronta contínua aos seus mundos, as atividades de manejo de plantas estão meticulosamente implicadas na produção e atualização dos modos yudja de conhecer.

Origens longínquas, manejos transformadores: Kaa e Floresta Estacional Perenifólia

Grosso modo, *Kaa* é a categoria yudja de vegetais de porte arbóreo. Sopradas por Senã'ã quando o mundo *ainda era tudo pelado*, no tempo mítico, as árvores da floresta são ditas “*plantas* do nosso Criador” - precisamente porque foram *plantadas* por ele. *Kamiamahã*, cuja casca é usada pelos Yudja para tratamentos terapêuticos, é a primeira *plantação* de Senã'ã, por exemplo. “Quando ele pensou, a árvore apareceu”. Muitos lugares na floresta têm *donos*, que conforme Tw. Juruna, “abandonam os locais quando a floresta é destruída. Eles vão embora da terra e voltam com uma chuva. Isso nos informa que o espírito está voltando para destruir a gente”. É por isso que não se pode derrubar qualquer árvore sob o risco de adoecer. Exceções incluem a abertura de roçados, e demais atividades de manejo da floresta.

Para os ecólogos, a abrangência atual da paisagem florestal amazônica começou a se constituir há aproximadamente 10 milhões de anos em uma sequência de eventos que inclui o soerguimento da Cordilheira dos Andes e a consequente expansão das matas sobre outras formas de vegetação. A fitofisionomia característica da transição entre o sul da Amazônia com o Cerrado é classificada como Floresta Estacional Perenifólia. São matas que ocorrem em regiões de clima marcado por duas estações bem definidas (chuvosa e seca), sendo que as árvores não perdem suas folhas durante o período de estresse hídrico. Diz-se que a eliminação dessas florestas desencadeou processos climáticos regionais e globais em função da liberação de gases do efeito estufa na atmosfera e da redução na taxa de absorção de calor proveniente dos raios solares.

De um ponto de vista biológico⁷, é possível interpretar esse fluxo ecossistêmico a partir das “histórias de vida” das espécies vegetais envolvidas⁸. As árvores,

⁷ Ecologicamente, as “histórias de vida” são classificadas em dois grandes grupos denominados *k* e *r* em termos de “estratégias”. De um modo geral, as espécies são agrupadas conforme seus “investimentos” em reprodução e crescimento. De um lado, as espécies *k-estrategistas* são caracterizadas por priorizarem o crescimento em detrimento da reprodução, em oposição às espécies *r-estrategistas*, que vivem relativamente menos tempo, mas alocam uma parte significativa de sua energia na produção de propágulos.

⁸ Quanto às espécies vegetais, especificamente, há diferenças metabólicas associadas a essas “histórias de vida”. No que diz respeito à bioquímica da fotossíntese, elas podem ser divididas por formarem compostos orgânicos que diferenciam quanto à quantidade de carbono em suas moléculas, o que repercute em adaptações fisiológicas distintas. As plantas ditas “C3” estão mais adaptadas a ambientes com temperaturas mais elevadas, já as plantas “C4” possuem mecanismos para evitar a perda de água.

especialmente aquelas que vivem muitos anos, se reproduzem e crescem de forma lenta, principalmente em espessura - o chamado “crescimento secundário”. Isso acontece através do acúmulo concêntrico e gradativo de tecidos mortos que provém do carbono gasoso capturado através da fotossíntese e transformado no corpo vegetal, liberando o oxigênio na atmosfera. Como árvores de grande porte vivem muitos anos (ou são de grande porte porque vivem muitos anos), esse carbono também é mantido por muito tempo nessa forma corpórea.

Já as espécies herbáceas (como a soja, o milho e as forrageiras), se reproduzem e crescem rapidamente e vivem menos tempo, apenas em comprimento. Ou seja, não há “crescimento secundário” nessas plantas. Isso significa que, dessa forma, diminui-se a retenção das moléculas de carbono na biosfera.

É justamente a substituição de espécies de crescimento lento por espécies de crescimento rápido que, neste caso, provoca o aumento na emissão dos gases do efeito estufa, seja pela queima das árvores no passo inicial da transformação da paisagem, seja pela perpetuação de espécies vegetais de vida curta, como é o caso das monoculturas de grãos do agronegócio. É por essa razão que cientistas de diversos campos e ambientalistas têm considerado as florestas do Xingu como importantes para o “estoque” e “sequestro” de carbono, atuando como “sumidouros” dessa substância.

As características dos respectivos grupos (k e r) de “histórias de vida” dos vegetais implicam em diferentes modos de manejo. Por exemplo, uma coisa é cultivar árvores frutíferas, outra coisa é cultivar herbáceas alimentícias. No entanto, apenas a alteração no perfil predominante do componente vegetal em si, que por sua vez está imbricado na composição de um determinado modo de vida, não é suficiente para caracterizar o processo de homogeneização que ameaça muitos planos de futuro mundo afora. Mas isso não explica tudo sobre o que acontece quando a vegetação florestal é removida em larga escala.

Portanto, pode-se dizer que há consequências radicais para a socialidade em função das transformações nas relações entre humanos-vegetais impostas pelas “histórias de vida” distintas das plantas envolvidas (e vice-versa). Além de alterar bruscamente o fluxo reprodutivo e o ciclo de vida das espécies vegetais autóctones, o que acontece é que mundos também são destruídos quando o projeto de escalabilidade

pautado nas monoculturas de plantas avança sobre as florestas. O desmatamento rompe relações no mínimo milenares.

É o que podemos depreender das histórias contadas pelos Yudja, narrativas cuja vivacidade do mundo é uma marca significativa. Nesse sentido, ao observarmos as interações entre as vidas humanas e as espécies vegetais silvestres, percebemos como as práticas de manejo são relevantes para analisar os efeitos dos respectivos arranjos mais-que-humanos, abrindo assim um leque de possibilidades que escapam do domínio da noção de domesticação.

Vejamos a seguir em casos que contrastam atividades de coleta de espécies vegetais de “histórias de vida” com características distintas: a *kadika*, uma árvore; e os bambus *tĩĩ* e *kĩ’i*.

Conexão florestas-roças-aldeias-casas

As *kadika* são um conjunto de árvores que integra ciclos rituais de cauinagem, cura e proteção contra tempestades. Tratam-se de espécies nativas da Amazônia e Cerrado com reconhecidos valores simbólico, prático e ecológico. As espécies de *kadika* descritas na literatura botânica e já identificadas na região da aldeia Tubatuba são: *Protium* spp. (Campos Filho, 2009), *Trattinnickia rhoifolia* Willd. e *Trattinnickia* cf. *burserifolia* (Ono & Ivanauskas, 2006). Elas são morfologicamente similares e possuem características distintivas em comum, como o porte e forma das copas, as folhas compostas pinadas e a produção de resina aromática. Amescla, amesclão, almécega, almecegueira, amescla-aroieira, mescla, breu, sucubura e mangue são alguns dos nomes conhecidos no Brasil para essas espécies da família Burseraceae⁹.

Elas ocorrem em uma ampla distribuição geográfica, sendo encontradas em tipos em comum de florestas na Amazônia e no Cerrado (Carvalho, 2015; Flora e Funga no Brasil, 2022). No território Yudja, podem ocorrer nos chamados *piatxi* ou *kaatxi*, (locais secos, as matas de terra firme) ou *ka’a iyapia da taha* (locais próximos a cursos d’água;

⁹ A família Burseraceae (a “família das árvores aromáticas”) é pantropical, de origem antiga e possui uma vasta distribuição geográfica, sendo encontrada em diversas regiões tropicais. Sua história se confunde com a antiguidade, com os povos indígenas e as antigas civilizações da África e da Arábia utilizando resinas como a mirra e o olíbano por milênios. As origens da família podem ser rastreadas até o Paleoceno (cerca de 65 milhões de anos atrás), quando *Beiselia mexicana* divergiu pela primeira vez no México .

as matas ciliares), (Ono & Ivanauskas, 2006). Na literatura botânica, são associadas a ambientes de origem antrópica, como as *kuaxa* (capoeiras) e consideradas “secundárias iniciais” (Carvalho, 2015).

É com o tronco escavado das *kadika* que os Yudja confeccionam as *piza iyakuha yãhã* - canoas usadas para o preparo e fermentação da *iyakuha*¹⁰. A procura de árvores de *kadika* para fazer essas canoas conecta-se à atividade agrícola na medida em que sua ocorrência também está associada às terras que os Yudja consideram boas para abrir roçados na floresta.

Em campo, tive a oportunidade de acompanhar o trabalho de roçada e derrubada de uma área de floresta situada a menos de 100 metros do rio, que foi prospectada durante uma expedição que visava encontrar uma árvore de *kadika* suficientemente grande para suprir a “fúria do caxiri”. Alegando que estavam sem canoas para beber *iyakuha*, um grupo de jovens primos-cunhados-sogros se mobilizou para essa empreitada a partir do conhecimento prévio de um ancião que percorria aquela região recorrentemente para coletar árvores finas de *akulineaha*, uma espécie de caule cilíndrico e resistente, de crescimento retilíneo, que também ocorre em abundância naquela região.

Em geral, as árvores com tamanho ideal para serem derrubadas estão longe das aldeias. Isso revela aspectos da ocupação recente do território, pois, conforme os Yudja afirmam, isso acontece devido à itinerância das aldeias e à alternância na dinâmica floresta-roça-pousio-floresta. Com o passar dos anos, as árvores grandes de *kadika* foram sendo derrubadas tanto no processo de abertura das roças, quanto para a própria confecção de canoas de *iyakuha*.

Ao mesmo tempo, as *kadika* possuem capacidade de rebrota. Isto é, árvores de *kadika* de certo tamanho podem crescer novamente desde o toco quando são cortadas, e até mesmo incendiadas. Isso é notável em ambientes ocupados recentemente pelos Yudja, seja nas roças, onde muitas vezes crescem embrenhadas aos pés de mandioca, seja nos *wãidaha* (“acampamentos”, alguns deles em sítios que já foram aldeias no passado)

As canoas confeccionadas com a madeira da *kadika* ocupam três tipos de espaços que variam conforme o esquema habitacional das famílias. Elas ficam dentro das casas,

¹⁰ Bebida fermentada à base de mandioca e batata-doce que os Yudja consomem em quantidades impressionantes, cujo prática é descrita pela antropóloga Tânia Stolze Lima como um ritual antropofágico (Lima, 1995).

em uma cozinha anexa construída à parte, ou no pátio. Os trabalhadores que retornam dos mutirões dos trabalhos de abertura das roças se perfilam diante da canoa e aguardam. O dono do mutirão enche uma cuia grande com *iyakuha* e a entrega preferencialmente para a pessoa mais velha do grupo, pois *mais velho sabe beber*¹¹. Quer dizer, as pessoas mais velhas têm mais experiência para avaliar o grau alcoólico da bebida. Na sequência essa cuia é passada de pessoa em pessoa que a prova e emite o seu veredito. Se a *iyakuha* ainda não estiver *itxahu*¹², estima-se um horário para que isso aconteça, a qualquer momento do dia, noite ou madrugada. Apenas depois disso as pessoas vão para suas casas, banham e retornam conforme o avanço da fermentação.

Eis que nesse momento o caminho da *kadika* abre uma janela a mais para observar e analisar outros aspectos da percepção yudja acerca da agência de entes mais que humanos. Novamente é interessante notar como é possível colocar em evidência as equivocações que permeiam regimes de conhecimento operando de modos distintos, desta vez nas relações com os vegetais e os objetos.

A madeira da *kadika* que constitui a *piza yakuha yãhã* tem uma participação ativa na velocidade da fermentação. Os Yudja afirmam que a *iyakuha* fica *itxahu* mais rapidamente nas *piza yakuha yãhã* do que quando é preparada em panelas de alumínio, a outra opção de instrumento para essa atividade. Isso ocorre por ação do *cheiro* da canoa, conforme as explicações que registrei em campo. A canoa não deve ser esfregada muito forte quando é lavada, nem colocada ao Sol para secar sob pena de perder esse cheiro que age sobre a bebida deixando-a *itxahu* mais rapidamente.

Negociações entre humanos e espíritos

¹¹ Uma sátira em alusão a uma piada interna sobre um homem que justificava o consumo de bebidas da cidade com esse argumento, dizendo que “mais velho sabe beber”.

¹² Nem sempre há um consenso se já está *itxahu* (“forte”, isto é, pronta para beber, pois já fermentou o suficiente para embriagar) ou se ainda está *etxaku* (“doce”). Quanto mais perto do suposto ponto de viragem, mais difícil discernir o “doce” do “forte”. As preferências pessoais contam muito nesse caso. Beber *iyakuha* “doce” causa dores de cabeça, dizem os Yudja. Ao mesmo tempo, a vontade de beber logo pode precipitar a “abertura do caxiri”.

Kĩ'i e *tĩĩ* são duas espécies de bambus, plantas classificadas pela botânica na família das Poaceae¹³. Em termos genéricos, todas as espécies dessa família são consideradas gramíneas. Os bambus são plantas que se reproduzem continuamente de forma assexuada por brotamento, cuja distribuição geográfica se dá em manchas muito específicas formando grandes aglomerados.

O Movimento de Jovens Yudja foi responsável pela organização de uma expedição para a “cachoeira” rio Xingu abaixo com o intuito de coletar *kĩ'i* e *tĩĩ* - dois tipos de bambus (“taquarinha” e “taquara”) utilizados para a confecção de *txukaya* (“flechas”) e *pureũ xĩĩ* (“flautas” do tipo clarinete), respectivamente. Por ocasião dessa expedição realizada no início da estação chuvosa, eventos marcantes do passado recente que remontam ao período migratório durante os séculos XIX e XX foram rememorados no percurso fluvial até a região da cachoeira Von Martius - um marco geográfico importante na constituição do território Yudja - localizada na TI Capoto-Jarina, onde atualmente vive um grupo de Mebengokré-Kaiapó.

L. Juruna brincou comigo perguntando se minha pressão estava boa para ir para lá, fazendo alusão ao risco a ser enfrentado na travessia da correnteza sobre as pedras. “Não quero ir com as gangues. Leva colete salva-vidas”, comentou M. Juruna sobre a previsão da expedição organizada pelos jovens para a cachoeira, reforçando o risco envolvido nessa travessia de barco. Conforme alguns anciões, é mais difícil navegar lá quando o rio está baixo. Em todo caso, é preciso levar remo para eventuais emergências - se o motor parar de funcionar do nada, além de fumo e rapé para a proteção, por conta dos espíritos. Não se pode comer tucunaré (peixe de “espírito forte”) por isso também.

Com céu cinza e chuvas finas misturadas a alguns raios de Sol que escapam das nuvens, para chegar no local de coleta de *kĩ'i*, é preciso atravessar uma corredeira com pedras¹⁴. Esse é um momento bastante tenso no qual as habilidades de navegação são imprescindíveis, além de muita força, disposição e coragem. Com o motor do barco desligado e todos os tripulantes remando intensamente, desvia-se das pedras em

¹³ Poaceae é uma família de plantas das angiospermas da classe Liliopsida (Monocotiledôneas), subclasse Commelinidae, também conhecidas como capins, gramas ou relvas. São plantas floríferas, frequentemente rizomáticas (ou não), anuais ou perenes, sublenhosas até lenhosas, com forma de vida em arbusto, árvore, bambu, erva, liana/volúvel/trepadeira ou subarbusto, vive sob substrato aquático, rupícula ou terrícula. Os bambus ocorrem de forma nativa em todos os continentes, exceto na Europa.

¹⁴ Sendo que para voltar de lá, o mesmo acontece, desta vez, contra a correnteza do rio.

movimentos vigorosos de remos coordenados aos berros difusos de instrução e entusiasmo. Os solavancos abruptos da descida podem provocar a imersão da proa em poços que vão surgindo à medida que se desloca, precisando ser desviados instantaneamente. Em frações de segundos, o barco pode virar, se prender nas pedras ou quebrar a hélice do motor.

Um dos barcos da comitiva, que seguia pelo centro do leito do rio, de fato ficou engastalhado, exigindo que a maioria dos tripulantes descesse para empurrar a embarcação em meio à correnteza. O caminho é arriscado, mas se por acaso o mingau refrescante (não-alcóolico) levado durante a viagem fosse *iyakuha*, “a gente ia passar de boa a cachoeira” (A. Juruna). Diante desses desafios, os rapazes mais jovens exaltam o feito dos Yudja *antigos* que fizeram esse percurso à remo. Os mais velhos comentam que um homem em específico era capaz de atravessar a cachoeira remando com apenas um dos braços.

No caminho para o local de ocorrência de *kĩ'i* tem uma “montanha de pedra sem mato”, chamada pelos Yudja de *Bitahama*, que T. Juruna comentou que em português se chama “Serra Pelada”. “*Txarina isami* é cemitério de pajé grande”, disse Lafussia, sobre o local onde se coleta *tĩĩ*. Ele é outro ancião que assume o papel de *historiador* nessas situações, narrando histórias utilizando-se de um rádio comunicador modelo *walkie-talkie* para ser ouvido em outro barco, que estava sendo pilotado por Pachiko (apesar de sua resistência inicial demonstrada para assumir essa função, alegando que preferia estimular outras pessoas para aprenderem o caminho das pedras - literalmente). Lafussia relembra de quando “a gente ainda era tudo purinho”. Aproximadamente aos 12 anos de idade, ele partiu com seus parentes em cinco canoas para coletar *kĩ'i*, na região da Cachoeira Von Martius.

Uma das histórias rememoradas dessa ocasião versa sobre a relação com os Kaiapó, que estavam fazendo festa na aldeia que fica a montante da cachoeira. Os Kaiapó viram os Yudja por lá e foram atrás para saber quem era. Um dos Kaiapó pensou que era gente vindo do Pará. Houve um *ladu* entre eles, no qual trocaram miçangas por outros objetos industrializados.

Complementarmente, no trajeto também há diversos locais onde acontecimentos do passado recentes estão inscritos na paisagem, tais como:

- *Iya pukaka* - “água rasa”. Onde “quando seca, seca tudo”;
- *Kurebayaku pe ala yãhã* - ilha “onde *Kurebayaku* caiu”. Onde era acampamento Yudja. Agora ninguém mais fica ali porque tem aldeia do outro lado”;
- *Peruma djudju yã* - ilha onde “só tem macaco”. Pessoal matou macaco uma vez;
- *Apĩ abakaha* - ilha onde mataram onça;
- *Asa unakaha* - ilha onde fizeram farinha;
- *Pururi* - barranco alto e mato vermelho. Onde o “caxiri nunca acabava”. Kaiapó brigou com os Yudja *antigos* (“que não estão mais com a gente”) quando moravam ali;
- *Hula kua* - morro que porco comeu toda roça à noite;
- *Êpêdju’a* - ilha onde fizeram barragem pra piracema de *kiriata*;
- *Yakãñã itxibitxibĩ* - onde tem muito córrego;
- *Awila ikã pipikaha* - tem muita pedra na cachoeira. Capivara prendeu a perna e quebrou a perna;

Há uma parada para descanso no caminho: *mekaro kua*. Em português, “Roça do Megaron”, uma liderança histórica do povo Mebengokre-Kaiapó. Além de algumas ramas de cana para um lanche rápido, voltamos dessa pausa com um pequeno jirau de metal emprestado para assar os peixes e macacos no pernoite acampados na ilha próxima à Cachoeira Von-Martius.

Além de incidir em relações interétnicas e inscrever no território eventos ocorridos em um passado recente, os conhecimentos sobre os locais de ocorrência das espécies vegetais demonstram a natureza da “história de vida” e também aspectos do manejo de determinadas plantas.

Situada em uma região de terreno acidentado, que contrasta com a planície do entorno, *kĩ’i* nasce, cresce e se reproduz em um local muito específico no alto de um morro. K. Juruna, uma importante liderança política do povo Yudja explica essa ocorrência:

Por que ele tá lá em cima? Pro dono olhar. Onde ele ficou, é lá que vai brotar, porque é dele [do dono]. Ele é o dono. Nosso Pai Criador colocou isso pro dia que alguém precisar. No dia que ele foi embora deles, o pessoal foi conhecendo.

A proliferação de *kĩ'i* também está associada à frequência de coleta, conforme o jovem A. Juruna comentou: “teve uma vez que a gente veio depois de muito tempo. Tinha muito”. Há um também um tipo específico de *kĩ'i* misturado aos demais, que apresenta uma textura diferente. A superfície do seu caule é áspera. É o *kĩ'i kamara*, que os Yudja não cortam para fazer flautas.

No mais, a coleta de *tĩĩ* no rochedo conhecido como *Txarina isami*, morada dos espíritos dos Yudja que já morreram, revela a dimensão histórica e perigosa de estar em determinados lugares, e de manipular seres que vivem ali. Localizada em uma ilha à montante da Cachoeira Von Martius, sua coleta emana a necessidade de negociações com os espíritos que vivem ali, pois “[aqui] é lugar onde os pajés grandes andaram. Não pode brincar. Ninguém dorme aqui. Eles pedem pra gente não mexer em nada”, explica novamente o jovem Arewana. Lafussia complementa alertando: “você não pode andar aqui. Se andar pra lá sozinho você some”. Portanto, é preciso pedir permissão para os espíritos donos, além de fumar para espantá-los algum espírito ruim. Além de *Txarina isami*, *tĩĩ* também ocorre no Pará.

Considerações finais

Kadika, *kĩ'i* e *tĩĩ* são coletadas especialmente de acordo com suas medidas de partes vegetativas (no caso, os caules): comprimento e espessura. As árvores de *kadika* para confecção de *piza iyakuha yãhã* precisam ter um diâmetro mínimo para serem escavadas no formato de uma canoa abaulada no centro com ambas extremidades achatadas. Faz-se canoas pequenas também, porém, em média elas têm capacidade para cerca de 100 litros de *iyakuha*. De uma árvore grande (cerca de 30 m de altura e 3 m de circunferência), é possível fazer até quatro canoas do mesmo fuste. Os ramos de *kĩ'i* são cortados na base de acordo com a sua espessura e senescência. A partir de certo diâmetro em diante eles são adequados para as *txukaya*. Aqueles que ainda estão jovens não são

bons, pois irão rachar quando deixados ao Sol para secarem. Já o que importa para os *tĩĩ* é a distância entre os nós de crescimento, conforme os vários tamahos de *pũreũ xĩxĩ* que irão ser transformadas (*itupa, itxia e isamĩ*)¹⁵

Esse manejo com base em elementos que escapam dos critérios utilitaristas comumente atribuídos na biologia a processos de domesticação de plantas agrícolas (ex.: produtividade ou agradabilidade), implica necessariamente na ampliação do repertório do debate acerca interações entre humanos e plantas, muitas vezes capturado por outro falso cognato entre a Ecologia e a Antropologia - a noção de domesticação. Embora seja bastante profícuo, o foco em plantas “domesticadas” (ou no processo de domesticação) reitera, de uma forma ou de outra - seja pela ênfase deliberada, seja pela problematização - uma certa presunção de ação humana no destino evolutivo de algumas formas de vida.

Mesmo no caso das *kadĩka*, em que suas populações crescem em florestas perturbadas demonstrando relação com o deslizamento territorial dos Yudja, levando em consideração a possibilidade de um “manejo não intencional” pelo qual indivíduos adultos são derrubados em áreas de roça ou para fazer canoas de caxiri, mas nem todos morrem de fato porque alguns rebrotam, ou também há favorecimento para a regeneração com a germinação de novos indivíduos durante os pousios das roças, o que está em jogo é para além da repercussão das ações humanas na autonomia reprodutiva das plantas - uma única fase da “história de vida”.

As plantas também possuem suas “histórias de vida” com respectivas exigências e meandros nas próprias relações interespecíes, para além da fase reprodutiva. Se não conseguimos acessá-las diretamente, os Yudja também nos lembram que as plantas não são máquinas determinísticas.

Assim, as atividades de coleta de espécies vegetais ditas “silvestres” (ou “selvagens”) colocam em evidência agenciamentos que conectam histórias nas constituições de vínculos com o território na insistência do povo Yudja em refazer mundos em ruínas, constantemente ameaçados pela lógica una e homogenizadora das *plantations*. Compreendidas no âmbito do arcabouço dos Sistemas Agrícolas Tradicionais (SAT), essas práticas são comumente mencionadas com parte anexa desse modo de produção agrícola, cuja conexão entre as florestas e roças observada na dinâmica de

¹⁵ Há outros tipos de flautas que também são feitas de *tĩĩ*, como *wiru wiru*, *bĩ’a xĩxĩ* e *waruba*.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

ocupação do território é uma característica essencial na geração de efeitos produtivos para a diversidade e expansão das florestas (dentre outros).

Contudo, ao deslocar a atenção para aquelas plantas que não são protagonistas nos esquemas interpretativos nesse contexto dos SAT, desnuda-se relações que ficam encobertas pelo manto do foco na produção de alimentos e suas interações complementares. Além disso, estamos diante de situações em que as marcas da ocupação humana na “antropização” da floresta não são tão evidentes quanto, por exemplo, os casos em que há adensamento de indivíduos de espécies hiperdominantes ou produção de um tipo de solo específico.

O que vemos mesmo em arranjos com espécies onde não se atribui diretamente a intenção de manipulação da reprodução é que a lente das “histórias de vida” permite descrever o entrelaçamento de trajetórias múltiplas de entes que constituem as paisagens multiespécies que compõem as ecologias florestais. Nesses encontros não-hierárquicos absolutamente abertos à indeterminação, onde o ser humano está ao lado de tantos outros participantes, possibilitando o começo de novas histórias, as interações entre os sujeitos perpassam escalas de tempo e espaço.

A imbricação das “histórias de vida” dos Yudja, *kadika*, *kĩ'i* e *tĩĩ* aponta justamente para a constituição mais que humana que engendra as assembleias polifônicas das florestas do Xingu. Ao narrarem continuamente suas histórias em associação com essas plantas, os Yudja produzem um mundo emergente onde ritmos de vida distintos confrontam a lógica homogeneizadora da *plantation* que os cerca geograficamente e lhes impõem graves consequências aos seus modos de existência.

Complementarmente, destaco o potencial heurístico em descrever paisagens multiespécies a partir do entrelaçamento das “histórias de vida” de seus sujeitos. Além de abarcar o pressuposto de romper com o excepcionalismo humano, permite compor ecologias corporificadas para além da mecanização da Natureza trazendo, inclusive, novas compreensões do processo evolutivo. Uma vez que as palavras são constituidoras de mundo, desse modo pode ser possível aprofundar a compreensão de mecanismos que atuam em paisagens que não são nem apenas “naturais”, nem apenas “culturais”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS FILHO, E. M. **Plante as árvores do Xingu e Araguaia: guia de identificação**. São Paulo: Instituto Socioambiental. 2009

CARVALHO, P. E. R. **Espécies arbóreas brasileiras**. Amesclão. *Trattinnickia rhoifolia*. v.4. Embrapa. 2015.

FERDINAND, F. **Ecologia Decolonial: Pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 320 p. 2022.

KOFES, S. **Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites**. Cadernos Pagu 3: 117-141. 1994.

LIMA, T. S. **A parte do cauim: etnografia juruna**. 456 f. Teses de doutorado, Rio de Janeiro: Ufrj/Museu Nacional. 1995

_____. **O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi**. Mana, 2(2), 21-48. 1996.

_____. **Yudja/Juruna**. Disponível em <https://piib.socioambiental.org/pt/Povo:Yudj%C3%A1/Juruna>. Acesso em 03 de outubro de 2025. 1995.

MEYERS, N. **Ungrid-able Ecologies: Becoming Sensor in Sentient Worlds**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ssGSKDBIDUE&t=312s>. Acesso em outubro de 2025. 2016.

ONO, K.; IVANAUSKAS, N. **Plantas nativas na área de uso do povo Yudjá no PIX**. Instituto Socioambiental, São Paulo. 2006.

RICKLEFS, R. E. **A economia da natureza**. 5ª Edição. Editora Guanabara Koogan. 2003.

SILVÉRIO, D. V. **Alterações na estrutura e funcionamento de florestas transicionais da Amazônia associadas à degradação florestal e transições no uso da terra**. Tese (Doutorado em Ecologia)—Universidade de Brasília, Brasília. 2015.

TSING, A. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB/Mil Folhas. 2019.